



que aprendi, tenho tentado ser uma boa mãe conduzindo-os no caminho do Evangelho de Jesus Cristo. Eles são ativos na igreja, Pedro (com 16 anos) toca bateria no louvor, Maria (com 15 anos) está aprendendo a tocar violão. Eles amam a Jesus e isso é lindo.

Também adotei a vovó Gabriela, com 98 anos, que já está acamada. Eu cuido dela e de minha mãe, com 86 anos. Tenho uma família diferente composta por duas idosas e dois adolescentes. Servir a minha mãe, a vó Gabriela, meus filhos e outras pessoas é um prazer para mim. Considero-me hospitaleira, talvez porque aprendi o quanto a hospitalidade faz falta na vida das pessoas.

Aos 7 anos, fui muito mal recebida, aos 17, fui recebida como se recebe a um anjo. A Ana Meny que entrou para a Casa do Estudante porque queria

Minha irmã, Rosa, que já trabalhava na casa, vinha escondida, colocava-me no colo e era quando eu me sentia um pouco aconchegada. O casal tinha dois filhos, um menino surdo e uma menina pequena. Eu, com sete anos, era responsável pelo menino surdo o dia inteiro. Não podia brincar. Apanhava por qualquer motivo.

Em dezembro de 1975, o casal e os filhos foram passear na fazenda dos pais da dona Jezabel. O combinado era que eu fosse visitar minha mãe primeiro, ficaria lá alguns dias e voltaria para cuidar dos filhos de dona Jezabel. Minha irmã Rosa ficaria mais tempo com nossa mãe. A casa grande de dona Jezabel era o pior lugar para qualquer criança da minha idade. Eu estava decidida a não voltar, nem pelos restos de comida gostosa que me serviam após suas refeições. Por nada.

# CORAGEM PARA FUGIR

por Ana Meny de Jesus

**N**asci no Quilombo, pequeno povoado localizado na zona rural de Sesmarias, no município de Sabinópolis, MG. Luíza, minha mãe, casou-se, teve dois filhos e separou-se em seguida, passando a viver só. Após o casamento, minha mãe teve mais quatro filhos de pais diferentes. Sou a quinta filha de seis irmãos. Quando nasci, uma irmã mais velha já havia sido passada para uma família de

Inconformados por perder sua babá de sete anos que não lhes custava nada, foram até o fórum da comarca de Sabinópolis para obter minha guarda, alegando que minha mãe não tinha condições psicológicas ou financeiras para cuidar de mim. Com medo de dona Jezabel me levar à força, minha mãe me escondeu na casa do juiz de paz do Quilombo.

Depois que o casal obteve autorização legal para me levar, ficou marcado que o juiz de paz me levaria ao encontro deles. Antes de chegar ao local do encontro, soltei de sua mão e corri para dentro da mata, onde fiquei sozinha até o anoitecer. Dali voltei para a casa da minha mãe. O casal então desistiu. As autoridades ordenaram que minha mãe arrumasse um lugar seguro para morar e que me matriculasse na escola do Quilombo.



Existimos enquanto rede para promover e apoiar a resposta cristã para os problemas vividos pelas crianças e adolescentes nas mais variadas situações de vulnerabilidade. cremos no reino de Deus como uma realidade já inaugurada por Cristo. Isto demanda de nós, seus seguidores, atitudes alinhadas com o coração do Mestre em relação à criança, ao adolescente e a pessoa humana em geral. Por isto, queremos que toda criança e todo adolescente experimente a vida plena.

A rede optou por um arranjo informal, não tendo assim personalidade jurídica. O Instituto Lado a Lado, uma pequena agência de comunicação formada para dar amparo legal ao trabalho missionário do casal James e Elsie Gilbert, tem sede em Viçosa, Minas Gerais. O Instituto hospeda a plataforma de comunicação da rede.

*Acompanhe-nos por meio de nossas redes sociais:*

*Instagram: @redemaosdadas*

*Facebook: RevistaMaosDadas*

*Site: [www.maosdadas.org.br](http://www.maosdadas.org.br)*

Cristo no céu. Minha vida se baseia nos princípios espirituais e morais que aprendi na Casa do Estudante: família, caráter, integridade, respeito, amor, fidelidade.

Em fevereiro de 1989, a Bem Estar do Menor (BEM), organização social que gerenciava a Casa do Estudante, convidou-me para trabalhar formalmente na instituição. Em 30 anos de trabalho na BEM, auxiliei em várias funções: como secretária do setor agropecuário, setor de compras e estoque, além do almoxarifado e limpeza. Sou muito grata a Deus por ter me abençoado com uma casa grande de dois andares, fruto desse trabalho.

Até 2008, não tinha filhos, mas o Senhor Jesus providenciou para mim duas crianças abandonadas pela mãe. Pedro tinha 5 anos e Maria 4 anos quando vieram morar comigo. Eles são lindos, e com tudo

## PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

1. Você consegue perceber fatores de resiliência nesta história? Onde?
2. Que outras virtudes pessoais você consegue perceber na história que contribuíram para que o protagonista conquistasse vitórias em sua vida?
3. Você acha que coragem é um ingrediente necessário para estas virtudes? De que forma?

fazendeiros criá-la. Com ela, levaram também um irmão. Trabalhavam, ganhando em troca comida e roupas usadas.

Em uma casinha de pau-a-pique, coberta de sapé, com apenas dois cômodos, moravam minha mãe, Luíza, meus irmãos e eu. Apesar da pobreza, me sentia feliz, brincava com bonecas feitas do miolo branco da bananeira e carrinho feito de casco de abóbora seca.

Todas as manhãs, sentávamos meus dois irmãos e eu no aterro do fogão de lenha e esperávamos ansiosos o café de garapa que nossa mãe servia na latinha, acompanhado de banana verde cozida.

Um dia, como de costume, estávamos brincando no terreiro de casa quando apareceu um

Morei na Casa do Estudante por quase sete anos, dois anos e meio para cursar o ensino médio e quatro de ensino técnico em magistério. Tudo que não encontrei no mundo, encontrei no meio dos crentes, dos quais não gostava. Espedita tinha muita paciência comigo. Tenho até hoje as cartas que ela amorosamente escrevia, com versículos da Bíblia, para me encorajar. A partir das cartas, fui percebendo que muito do que eu pensava a respeito de Deus não estava de acordo com a Bíblia. Não era necessário fazer tanto sacrifício para ser perdoada de meus pecados, não precisava rezar tantas ave-marias como fiz na minha primeira comunhão no Quilombo. Comecei a me sentir aliviada, meu coração, aos poucos, encontrou a paz.

Em junho de 1988, tomei a decisão de servir ao único Senhor e Salvador, Jesus Cristo, e até hoje isso me traz tranquilidade: um dia vou morar com

Em fevereiro de 1976, fui matriculada na escola e fiquei morando em diferentes casas no Quilombo. Dependia da boa vontade das famílias para realizar os quatro anos do ensino fundamental.

Sem recursos para continuar a estudar, parei os estudos e voltei para Belo Horizonte com 13 anos para trabalhar como doméstica. Naquele tempo, em Sabinópolis, só os filhos de fazendeiros conseguiam estudar, pois tinham condições de morar no centro e, assim, podiam cursar o técnico em magistério e contabilidade. Passei quatro anos sem estudar. Ganhava pouco e, com esse pouco, comprava comida para minha mãe.

Aos 13 anos, eu tinha dois sonhos: continuar estudando e ser irmã de caridade para ajudar as pessoas mais necessitadas. Na primeira infância, minha mãe tinha me ensinado a rezar o terço e a



homem de aspecto distinto que, com a permissão de minha mãe, levou-me para morar com sua família em Belo Horizonte. Ao chegar para trabalhar na casa de dona Jezabel, filha do fazendeiro Caim, eu tinha seis anos e me lembro de ver móveis pela primeira vez. No Quilombo, tínhamos prateleiras e nossas camas eram feitas de pau-a-pique, no lugar de colchões, tínhamos esteiras de taboa. Eu andava desorientada por aquela casa nova. Eu procurava sem encontrar, o fogão a lenha para me aquecer no fogo. A casa só tinha fogão a gás e eu nunca tinha visto aquilo. Eu sentia muita falta do fogão a lenha da casa da minha mãe.

Eu chorava bastante, o que levava dona Jezabel a bater em mim com o cinto. Ela era muito má. Apesar de minha origem no vilarejo do Quilombo sugerir uma pele escura, sou branca e meus cabelos eram loiros e longos. Dona Jezabel raspou todo meu cabelo para não ter o trabalho de penteá-lo.

continuar seus estudos, encontrou muito mais que o conhecimento. Ela encontrou uma pessoa que a adotou para a família de Deus: Jesus Cristo. A Ana Meny sem infância se tornou uma mulher capaz de defender o direito à infância daquelas crianças mais vulneráveis.

ladainha. Na adolescência, optei pela doutrina da Igreja Católica com muita devoção. Em 1984, voltei a estudar e fiz minha matrícula para cursar o ginásio à noite na escola do bairro onde trabalhava.

Nas férias de janeiro de 1985, fui visitar minha mãe. Dona Geneci, esposa do obreiro que pastoreava uma congregação da Igreja Evangélica Missionária Pentecostal, a 40 minutos a pé da casa da minha mãe, foi ali levar a palavra de Deus. Ao me ver, contou da Casa do Estudante que a igreja tinha em Sabinópolis, para ajudar adolescentes carentes a continuar os estudos, sem custo algum para a família. Lá, receberia todo o material escolar e alimentação gratuita. Ela estendeu o convite para mim. Mas como eu iria para um lugar desses? Se achava a doutrina dos crentes errada e só tinha como correta a Católica? O que faria com meu sonho de ser irmã de caridade? Resisti ao convite.

Em Belo Horizonte, estudando à noite e sem tempo para as tarefas escolares, comecei a sentir tudo muito pesado. Então, repensei sobre a generosa oferta da Dona Geneci. Insegura, pedi a Rosa, minha irmã, para ver se havia vaga para mim na Casa do Estudante em Sabinópolis. Não havia. No entanto, milagrosamente, decidiram me receber mesmo assim.

Nunca fui tão bem recebida como fui pela Espedita, coordenadora da Casa. Lembro-me que ela pegou minha trouxinha de roupas e subiu as escadas do escritório para preencher meus papéis com minha irmã. Eram 15 meninas, todas oriundas da zona rural dos arredores de Sabinópolis. Eu fui a décima sexta. Logo, Espedita desceu com um presente para mim: uma linda Bíblia. Era o início de uma nova vida.